UNIVERSIDADE CASTELO BRANCO
VICE-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO E CORPO DISCENTE
CURSO DE FISIOTERAPIA

MOTRICIDADE HUMANA E FISIOTERAPIA

Rosa M. Prista [1]
Universidade Castelo Branco – Sociedade Educacional Fluminense
Centro de Estudos da Criança
rosamprista@gmail.com

Felismar Manoel [2]
AMOHURJ – Associação da Ciência da Motricidade Humana do Rio de Janeiro
cec@encontresenocec.com.br

Resumo

O artigo propõe um repensar sobre a formação do profissional fisioterapeuta tendo a transdisciplinaridade como meta. Propõe como eixo filosófico para a Fisioterapia os estudos da Motricidade Humana. Os autores baseiam seus estudos e reflexões na experiência acadêmica de formação de Fisioterapeutas como docentes de disciplinas filosóficas.

Abstract

The article proposes a rethink on training of professional physiotherapist and transdisciplinarity as a goal. Proposed as an axis for philosophical studies Physiotherapy

Human Motricity. The authors based their studies and reflections on the experience of academic training for physiotherapists and teachers of philosophical disciplines.

Palavras-chave: Transdisciplinaridade. Fisioterapia. Motricidade Humana. Epistemologia.

> "Não há que temer o novo, há que recear sim, o espetáculo farfalhudo da permanência do velho". (Manuel Sérgio, 1986)

Durante os sete anos de atividade docente nos cursos de Fisioterapia temos percebido uma carência muito grande de embasamento filosófico. Quando este embasamento existe, ele é apresentado como um filosofismo sem objetivo, sem aplicabilidade, o que leva os alunos a se desinteressarem pelo campo das ideias e reflexões filosóficas. Mas a reflexão e o posicionamento sobre possibilidades e limites da atuação profissional não podem prescindir de um enraizamento filosófico definido.

Prista (2004) comenta que é de suma importância da integração entre teoria e prática, na integração do currículo, além do domínio técnico, se possa incluir a crítica dos diferentes modelos sobre o trabalho com o corpo, tendo o graduando a possibilidade de escolha e diferenciais que o fundamentem cientificamente.

O referencial da Motricidade Humana foca exatamente o objeto de estudo da Fisioterapia – a motricidade. Como tratar uma pessoa sem questionar o que é ser pessoa, o que é motricidade e de que Homem estamos falando? Como avaliar a situação da pessoa que vamos cuidar sem apreender a complexidade da situação em questão?

Este é o relato da experiência de um dos autores, em uma das instituições de ensino onde atua, corroborado pelo outro autor pela vivência comum dos aspectos epistemológicos.

A entrada no curso de Fisioterapia aconteceu por convite de um médico que lecionava a disciplina Psicomotricidade numa universidade do Rio de Janeiro. Ele mesmo solicitou ao coordenador do curso que fosse contratada, cedendo seus tempos

de aula para o meu exercício pois considerava que eu podia enriquecer a visão do corpo discente. Considerei um desafio estar num curso diferente de minha graduação inicial – Psicologia. Mas ao mesmo tempo compreendia que um olhar diferente é provocativo de novas idéias, novas alianças e, portanto, de novas modalidades de atuação. Sempre acreditei e ainda acredito que são nestas novas atitudes que a ciência avança.

Inicialmente me concentrei em falar da Psicomotricidade, de todo o horizonte nacional e internacional, das possibilidades metodológicas. Pois, afinal, os alunos não estavam ali para serem direcionados a um caminho; pelo contrário, estavam ali para conhecerem e fazerem opções. Logo percebi que meu discurso estava muito além do que podiam acompanhar, pois eu pedia que eles se posicionassem e escolhessem aquilo que percebiam ser mais próximos do que buscavam. Mas o que buscavam? Pensei na maneira como os apresentava à disciplina e após várias reflexões percebi que naquele curso a linguagem simbólica do corpo, da doença, do padecimento humano, das carências e necessidades humanas estavam longe de serem compreendidas pelos alunos. Tinha a sensação de que falava outra língua. Até que duas alunas conversaram comigo e mostraram que minha preocupação com a turma era cabível. Elas achavam incrível o que eu estava mostrando, mas não sabiam como continuar, pois os autores, e os procedimentos utilizados, mostravam um universo até então desconhecido, que muitos ali não conseguiam acompanhar. Para eles ser Fisioterapeuta era apenas uma forma de ser alguém na vida, mesmo que para isso eles apenas precisassem repetir o que estava escrito, inclusive em antigos materiais; a busca era mínima. Agradeci às alunas, conversei com a turma toda e começamos por outro caminho, este caminho percorro até hoje com todas as minhas turmas, pois a carência epistemológica pertence a maioria dos cursos universitários. A grande questão estava na ausência de conhecimento de seu próprio potencial, de suas realizações, de sua capacidade de transformação e de sua capacidade de ser autor e construtor de uma história. A maioria dos alunos se via fora da história. Eles estavam no lugar do não saber.

Foi uma verdadeira revolução! Começamos pelo que as pessoas sabiam, pelo que já haviam construído e fundamentalmente começamos a reapresentar a ciência e nela o lugar da Fisioterapia. Situados a história e o lugar, encontramos a Psicomotricidade como um grande campo de conhecimento que podia enriquecer a sua atuação pessoal e profissional e chegamos a aprofundar a palavra motricidade, chave

para seus estudos. A partir daí, não era possível mais se perder, pois chegavam à base de todo o alicerce de seus estudos, a tonicidade.

Desta possibilidade emergia uma compreensão maior, totalizadora onde o aparato tônico deixava de ser visto unicamente pelo aspecto fisiológico e ganhava *status* de complexidade envolto na vida de cada pessoa. Nesse momento, eles perderam o chão! Como lidar com o que é imprevisível? Nesta pequena descoberta descobriram que a sua pessoa é fator fundamental de olhar e ver, de ouvir e escutar, de tocar e sentir e finalmente de dialogar. Creio que esta experiência como educadora deva ser partilhada, pois me parece crucial que, numa época tão carente de valores humanos, de processos, de construções positivas, poder resgatar a humanidade consigo e com o outro e possibilitar sentidos de vida. Mas por que é proposto a Motricidade Humana como eixo epistemológico para a Fisioterapia?

A Motricidade Humana tem como precursor o português Manuel Sérgio que, em 1986, defendeu sua tese de doutoramento: "Para uma epistemologia da Motricidade Humana". Neste trabalho ele denuncia a prática superficial da Educação Física, campo alvo de sua tese, voltada à técnica e à competição em detrimento dos aspectos humanos. Dentro dessa perspectiva, Eugênia Trigo criou elos entre as discussões da Motricidade Humana na Educação. Um grupo de pesquisadores de Colômbia, Espanha, Portugal, Cuba, Argentina, Colômbia e Brasil formaram a Rede Internacional de Pesquisadores em Motricidade Humana ampliando estudos e garantindo a profundidade da análise, a partir do trabalho de Manoel Sérgio. Na Fisioterapia inauguram um traçado de estudos a partir das idéias de Manuel Sérgio registrados no livro Motricidade Humana e Fisioterapia (Prista et al., 2004) chamando a atenção para o fato de que a motricidade supõe o desenvolvimento de estruturas do Sistema Nervoso Central que mantêm a regulação, a execução e a integração do comportamento; este desenvolvimento, porém, implica dialeticamente na apropriação da cultura e da experiência relacional e social da pessoa humana no mundo. Este é um aspecto importante na formação do profissional de Fisioterapia. A ausência de momentos de reflexões, de criatividade e de desafio pode levar ao empobrecimento simbólico do aluno impedindo que possa ver o momento de diagnóstico e de tratamento como um campo amplo de possibilidades. A objetividade e a racionalidade são insuficientes. É preciso sensibilidade, intuição, estética para compreender o campo simbólico implícito em cada adoecimento. Na impossibilidade de

olhar de maneira mais ampla e complexa o campo de seu trabalho, o aluno acaba buscando materiais prontos, repetitivos e no roteiro da biomecânica e de visões simplificadas sobre o aparato biológico.

Um momento em sala de aula bastante peculiar e que ilustra a ausência de uma cultura de aprofundamento foi quando um aluno perguntou:

> " - *Professora, tem que ler o livro?* (referia-se a um dos livros da bibliografia básica*) Pra quê vou ler sobre isto se a realidade é fazer exercícios biomecânicos e técnicas preestabelecidas com nosso paciente? Pra que pensar se, quando estamos numa clínica, temos que atender pessoas uma atrás da outra. Fazemos o que nos mandam!*"

Tentei mostrar ao aluno que ele precisaria se posicionar frente a cada tratamento, sabendo o quê, como, porquê e para quê agia e ele mais uma fez me surpreendeu:

> "*– Professora, quando tentamos perguntar o porquê e para quê recebemos como resposta do professor: - Vai primeiro estudar para depois poder discutir procedimentos comigo!"*

É claro que temos outros olhares e outras possibilidades, mas a quantidade de alunos que acredita na superficialidade, na obediência, na repetição é muito grande e isto é preocupante, sobretudo no campo da saúde e numa área tão importante quanto a Fisioterapia. Sem dúvida que atitudes semelhantes são típicas de uma pessoa imatura, sem autonomia de pensamento e que não construiu seu eixo ético.

Mas formam-se pessoas assim e, na Universidade, reforçamos este tipo de atitude quando apenas se cobra do aluno repetições teóricas, formalismo excessivo, rigidez nas definições e a absolutização da objetividade. Muitos dos avanços tecnológicos e científicos começaram de um questionamento, de uma ideia por mais incipiente que pareça. Toda ideia, todo questionamento merece o diálogo! Caso contrário, o aluno pode reforçar a ideia de que nada sabe e que sempre está no outro a solução, o sucesso e o fracasso!

A Motricidade Humana nasce no questionamento das bases epistemológicas da ciência clássica calcado no modelo cartesiano e na produção de conhecimentos fragmentados. No rompimento com o cartesianismo a Motricidade Humana escolhe seus conceitos fundamentais baseados no paradigma da complexidade anunciado por MORIN (1991) e no paradigma sistêmico e ecológico proposto por CAPRA, (1975). Estes referenciais paradigmáticos permitem que o profissional visualize o mundo sob um novo olhar que marca a sua própria vida, na maneira como o indivíduo lida com sua alimentação, com sua atividade física, com suas escolhas na vida e, em síntese, como cuida de sua própria motricidade.

Fala-se de ato ético. Estar potencialmente consciente com crítica e criatividade para assumir a profissão de Fisioterapeuta porque alguns conhecimentos só podem ser construídos no sentir e na consciência de seu próprio corpo e implicam inevitavelmente em intencionalidade. Não podem ser construídos a partir do outro, apenas a partir das escolhas pessoais. Para escolher, é preciso despertar para o mundo, não de forma extraordinária ou fantástica, mas aprender a fazer de maneira grande as coisas pequenas!

Muitas das vezes neste caminho de transformação há necessidade de um acompanhamento terapêutico – fato negado pela maioria dos alunos – pois neste processo ocorrem crises, períodos de ilusão e o papel do terapeuta não é cuidar de loucuras, mas de recolocar o sujeito em marcha no seu próprio processo.

Nesta linha de análise, Le Boulch (1987) enfatiza a importância da valorização da expressão *corpo vivido* no estudo da motricidade humana.

No mundo da racionalidade da vida, da pressa, do instantâneo, em geral, fala-se demais e pouco se realiza. Esta é uma outra etapa a ser vivenciada com o aluno. Aprender a lidar com seus recursos não verbais, material precioso para o exercício profissional. Nesta descoberta abre-se ao mundo de maneira mais intensa e passa a agir com intencionalidade. Neste processo, o sujeito aciona todas as possibilidades analíticas e sintéticas, verbal e não verbal, e ao se construir, constrói relações diferenciadas com o outro. Ao agir, ao estar em movimento, envolve o seu aparato

psiconeurológico, a disposição de suas escolhas. Deixa de ser expectador de sua história e passa a ser autor e ator principal e por mudança de atitude constrói relações de liberdade, solidariedade de alegria e de humanidade.

Morin (1990) denuncia a fragmentação científica nas diversas disciplinas que aprofundam aspectos parciais do Homem. *"Surge um neo-obscurantismo generalizado, produzido pelo mesmo movimento das especializações, no qual o especialista se torna ignorante de tudo aquilo que não é a sua disciplina"*. Em seu livro *Ciência com Consciência*, o autor fala da maturidade profissional tanto no acompanhamento técnico-científico quanto no acompanhamento de seu próprio processo de desenvolvimento humano, o que permitiria o rompimento narcísico dos profissionais . Sem o rompimento narcísico, voltado para si, para suas conquistas heróicas, não amplia o olhar para o externo – o cliente e sua contextualização sócio-histórica. Como cuidar de um cliente sem a busca de apreensão de sua totalidade? Para tal teremos que atentar ao momento presente, na rede de relações que ali se estabelecem e restabelecem, pois não poderemos nos apoiar em quaisquer procedimentos que visem a interpretar o comportamento do cliente, apoiando-se num sistema elaborado, a priori, antes e fora do acontecimento presente. Assim, o que nos interessa é buscar o significado da situação no que for manifestado da história do sujeito e das vivências presentes. É o relacionamento do fisioterapeuta com o sujeito observado que se manifesta a apreensão da realidade. É o relacionamento do psicólogo, do médico, do fisioterapeuta conjuntamente ao cliente que se configurará a apreensão da realidade. Estamos falando de intersubjetividade. Neste ponto é preciso marcar a contradição entre o discurso institucional de nossas universidades e a prática desenvolvida na produção de conhecimento.

Faz-se preciso ainda, romper com modelos arcaicos e limitantes na produção de conhecimento. Aluno aprende a buscar a partir de encontros didáticos onde são desafiados a pensar, a sentir, a captar e ampliar seu potencial. Repensar as concepções sobre o ser humano no momento atual. Há urgência de novas modalidades de investigação e de concepções de conhecimento que permitam a ciência avançar em atitudes que contemplem práticas inter e transdisciplinares. Em nível institucional, há necessidade de criar elos interdisciplinares. Praticar com o aluno a vivência de um

processo dinâmico, construtor e comprometido com o ser humano, desde que os profissionais e professores estejam disponíveis a sair do lugar permanente do poder!

Quando se atende um cliente, a objetividade se concretizará a partir da busca de reconhecimento e compreensão do mesmo, a partir da intersubjetividade. Este aspecto muito me preocupa pois o campo da subjetividade e principalmente da intersubjetividade é negado na formação fisioterapêutica. Sem um suporte filosófico de base que vai alicerçando os demais conhecimentos, continuaremos a ter apenas ações paliativas e não processo transformador. Não há negação da técnica, dos instrumentos profissionais, dos aparelhos, mas, sim, um chamamento para assumir a intervenção de sua própria subjetividade. Muitas das vezes, a subjetividade é confundida com contatos amigos, com contatos eróticos, com intimidade. Falamos de relacionar-se, de tocar, de cuidar na esfera humana, afetiva e ética pois quando os profissionais trabalham sua subjetividade possuem mais recursos de compreenderem seu próprio processo contratransferência[1].

Desta forma, a subjetividade torna-se uma ferramenta de pesquisa terapêutica emergente e fundamental para um exercício profissional com profundidade e complexidade. Schein (1988) amplia a discussão sinalizando que sensações se depositam em nossa lembrança como um sentimento, deixando uma impressão gravada em nosso subconsciente.

Em síntese, deve-se buscar o aprimoramento profissional, dominando técnicas, exercícios, tecnologias. Por outro lado, tem-se que aprofundar o conhecimento de si, ampliando a inteligência intrapessoal[2], para então aumentar a capacidade de chegar ao outro – inteligência interpessoal[3]. Nas atuais organizações mundiais espera-se a

[1] contratransferência – respostas direcionadas ao cliente a partir das próprias necessidades psíquicas do profissional sem levar em conta a diferenciação necessária entre o desejo do cliente e do profissional. Muito comum acontecer quando o profissional não é trabalhado em seu autoconhecimento através de psicoterapia, vivências psicomotoras e atividades de autoconhecimento.

[2] Inteligência intrapessoal - terminologia utilizada por Gardner para designar a capacidade do ser humano de reconhecer suas emoções e aprender a lidar com elas.

[3] Inteligência interpessoal - também utilizado por Gardner para designar a capacidade do ser humano em lidar com situações junto a outros seres humanos.

formação de profissionais diferenciados e entre as características esperadas estão: capacidade do exercício de ser humano, plugado no presente, espírito de aprendizado e capacidade de visualizar o todo.

Morin (1990) propõe a transdisciplinaridade como um caminho que permite ao mesmo tempo a análise e a síntese que possam operar sem reducionismo. Sugere substituir o que chama de paradigma simplificado (redução/disjunção) por um paradigma de complexidade (que ao mesmo tempo separa e une).

A transdisciplinaridade faz emergir da confrontação das disciplinas novos dados que as articulam entre si e que nos dão uma nova visão de natureza e da realidade. A transdisciplinaridade não procura domínio de disciplinas, mas a abertura de todas as disciplinas que as atravessa e as ultrapassa (Guerra, 2004).

A prática transdisciplinar é uma exigência objetiva de um determinado estágio de desenvolvimento científico e epistêmico que corresponde com certeza ao desenvolvimento operacional abstrato do sujeito. É uma fase de amadurecimento profissional quando o eu já preenchido afetivamente, valorizado e seguro procura intervir com o outro na busca de soluções criativas e necessárias a coletividade. E fica a indagação: Quais os conhecimentos que temos produzido de forma interdisciplinar no curso de Fisioterapia? Como atuamos nos serviços aplicados com a prática fisioterápêutica? Será que trinta minutos por atendimento é suficiente para contemplar a complexidade humana? Será que um fisioterapeuta que fica quatro/cinco horas sem sair da sala de atendimento por ordens institucionais, tem energia, capacidade mental e física para um bom atendimento? Não está incoerente com os estudos neurológicos uma ação ininterrupta de horas de atendimento sem uma parada maior para respirar, beber água, movimentar-se? É imperioso, por isso, procurar as condições de pesquisa inter e transdisciplinar, numa área onde ainda predomina o estudo do corpo instrumental em detrimento do corpo vivido.

Capra (1975) contribui afirmando que não está no progresso técnico a tônica de nossa vida, mas no amadurecimento psicológico das pessoas que usam as tecnologias. Para tal, é preciso desenvolver um olhar mais sensível, significativo e de profundidade pois pontua de forma brilhante o quanto todos os fatores ligados ao ser humano estão conectados e, se assim são, precisamos ter um olhar amplo sob o foco de trabalho das

áreas de saúde: o corpo. Um corpo que é soma, psicosoma, mentalsoma e chacrasoma. Isto exige um mudança fundamental na compreensão humana quanto a natureza do conhecimento. Mas qual a compreensão do ser humano que podemos propor? Em primeiro lugar, segundo os princípios transdisciplinares é inadmissível reduzir o ser humano a uma definição, porém podemos compreendê-lo.

Seguindo informações da Rede Internacional de Pesquisadores da Motricidade Humana:

> O ser humano em sua complexidade que se mobiliza (emociona, deseja, percebe, pensa) a partir do aqui e agora para a transcendência e desta novamente para o aqui e agora para a transcendência, e desta novamente para o aqui e agora, na sua relação consigo mesmo – com o outro – com o cosmos.

Pode-se indagar também se a ciência da Fisioterapia é uma ciência da vida. Segundo Furtado (1993), ao analisar a produção teórica no campo da Fisioterapia percebia que o termo “Reabilitação Física” era predominante apesar do desuso que deveria se fazer em favor da “prevenção” e da “terapia pelo movimento”. Marca ainda que nos anos 90 a insatisfação profissional era grande em ser apenas um reabilitador, um mero reparador de sequelas que, em sua grande maioria, poderiam ser evitadas. O autor sugere que o fisioterapeuta trabalhe uma visão ampliada da promoção de saúde, dentro de uma visão mais ampla e integradora do movimento humano.

Mas para que a Fisioterapia seja ampliada é preciso romper com o modelo cartesiano que vigora em nossas universidades. A herança cartesiana tem feito mutilações profundas no ser humano, não só em nível cognitivo mas no sentido da vida, da humanidade.

Nenhuma situação pode ser compreendida isoladamente, pois quase todas as situações são sistêmicas, ou seja, interligadas e interdependentes. Uma pessoa só (re)encontra a sua saúde quando os vários aspectos são conectados de forma que os recursos internos do Homem estarão a favor desta meta. Isto exige uma mudança perceptiva, uma mudança de visão de mundo, da ciência e dos aspectos relacionados ao binômio saúde-doença.

Há um clima na área de saúde que define todos os conflitos da vida sob a fórmula de tratamento adequado. Não podemos ignorar que a parafernália de técnicas, instrumentos, fragmentações terapêuticas, medicações servem a uma grande indústria do lucro. Afinal se é tão doloroso viver, se padecemos de viver precisamos constantemente de médicos, fisioterapeutas, psicólogos etc. Mas esta é uma questão ética e gostaríamos de definir os conceitos de saúde e de doença aceitos neste artigo.

Na esteira de Goldstein, a doença é o obscurecimento da existência e isto implica um sujeito intencionalizado que em suas escolhas de vida responde adequadamente ou inadequadamente a situação. Saúde passa então a ser processo e não estado. Rompe-se com um modelo estático, linear, dicotomizado entre sujeito e objeto, objetivando propor um modelo dinâmico onde o sujeito-cliente é membro ativo no seu processo de saúde. Em alguns momentos acredita-se que o sujeito necessita de um outro para (re)colocar sua existência de novo em suas mãos. É a atitude de um fisioterapeuta que temporariamente assume as escolhas e caminhos terapêuticos em função da emergência da situação. Em suas mãos ele vai construindo novas etapas a partir da reconstrução de seu cotidiano. É uma dialética constante entre o sujeito e seu meio, a ordem e a desordem, o homem e o mundo.

O sofrimento orgânico é apenas um momento, mas é preciso ter sabedoria suficiente para deslumbrar "uma visão sistêmica de atuação" (Prista, 1998) poderíamos identificar o momento psíquico e compreender que a situação apresentada tem um significado mais amplo, contextualizado e essencial para auxiliar o cliente, jamais paciente (no sentido epistemológico do termo). A tarefa maior de fisioterapeutas é mediar o (re) encontro do cliente, do sujeito, ser ativo, em busca de sua auto-organização, na busca de seu "arquétipo do médico interior" (segundo Groesbeck, 1983)[4], reacendendo forças profundas na superação das atuais dificuldades, deixando de projetar no terapeuta sua cura, reacendendo seus próprios recursos internos.

Desta forma, enquanto manipulamos o corpo, sem integrar o significado da existência e do viver, a recuperação será apenas parcial, restrita e com possibilidades

[4] arquétipo do médico interior (terminologia usada na Psicologia Analítica) = imagem primordial que todos possuímos em nível inconsciente e refere-se à capacidade que cada um tem de se auto-organizar, de buscar caminhos para a saúde.

de regressão funcional e psicológica, além de situar que as atividades terapêuticas que se dedicam a pensar e a viver o corpo, e que se propõem a modificar as regras que inibem a consciência corporal, têm nas instituições e na sociedade um espaço restrito de atuação, pois elas questionam a ordem constituída e ameaçam o poder.

Assim, saudável é a pessoa que está em movimento, flexível, que supera conflitos a partir de um mergulho em si, escolhe dentro de sua liberdade dialogar com as pressões do meio, resolve viver mesmo diante de várias limitações físicas. Doente é a pessoa que está paralisada em algum dos aspectos corporais (psicosoma, soma, mentalsoma e chacrasoma), sem criação, sem transformação das situações. Ora, se para estar em saúde é preciso estar em movimento de criação e transformação onde está a arte nos nossos cursos de formação? Como ajudar o outro a olhar de forma divergente (para outros aspectos) se mantenho um único foco de atenção? Como ajudar o meu cliente amputado a visualizar uma outra forma de viver que lhe traga paz, afetividade e qualidade de vida se enquanto terapeuta não tenho estas possibilidades saudáveis dentro de mim?

Estar em busca desta compreensão depende da forma com o organizo minha percepção, como apreendo os objetos a volta. Assim agir é captar o mundo sob uma nova maneira. O reencontro do corpo, da alma, do espírito só pode acontecer em ação a partir da trajetória de vida.

Quando então saímos da visualização de que temos um corpo para a percepção de que “somos um corpo”, podemos ver e olhar, ouvir e escutar um sujeito que fala por sua unidade – palavras, gestos, doenças, ou seja, falar por um campo simbólico! Estar com o cliente e não estar ao lado do cliente! Esta é a proposta discutida por Merleau Ponty (1996), quando afirma que: “Nosso corpo é um conjunto de caminhos já traçados, de poderes já constituídos: o solo dialético adquirido sobre o qual se opera uma formalização superior”. No campo simbólico está a história de cada ser humano pois cada ato é diferente do outro, cada história é a marca singular de cada pessoa.

Para a Motricidade Humana o corpo é a materialização da complexidade humana, ou seja, o corpo é o próprio sujeito, portador de uma história pessoal e coletiva constituída, portanto abre a possibilidade de se adentrar na corporeidade, o Homem é

presença e espaço na história com o corpo, desde o corpo e através do corpo. Para tocar este corpo é necessário mais que um técnico, é preciso um ser humano, que por ter vivido corporalmente seus próprios fantasmas ou produções inconscientes, tem condições de tocar e compreender o interior de outro ser humano.

A Motricidade Humana é um caminho possível para atingir níveis mais profundos de atuação se for justificada como eixo filosófico no curso de Fisioterapia. Para tal é preciso responder as quatro perguntas básicas da história do conhecimento: o que, como, por que e para que.

O que buscamos? Buscamos muito além da eficiência e da eficácia do movimento, buscamos a potência que é a motricidade, buscamos o ser humano em sua complexidade.

Por que buscamos estas reformulações? Porque, além de acreditar que o homem é um ser naturalmente ativo e que precisa manter e aprimorar esta condição a partir dos desafios a superar, é preciso crer que o ser humano é indivisível, único, complexo e se constrói com o outro e com o mundo e o universo que pertence.

Como podemos fazer? Na ampliação de comunicação entre os vários campos do conhecimento e fisioterapeutas quando o sentido do outro nasce da sua indispensabilidade do meu estar-no-mundo; em ações conjuntas que levem ao enriquecimento humano institucional e comunitário, marcando a ousadia do trabalho transdisciplinar onde falsos poderes são remanejados para surgir o verdadeiro poder da autonomia disciplinar em interface com outros saberes inaugurando o diálogo entre os monólogos prováveis e facilitando que uma nova ordem permita sair do campo do saber para contemplar o Homem e suas complexas relações.

Para que todas estas reflexões? Para que em nossa prática possamos ver muito mais que um corpo que se desloca no espaço, mas um ser humano que é vida, energia, intencionalidade e superação. É este ser humano que é o alvo do profissional de saúde.

A proposta transdisciplinar implícita nos estudos da Motricidade Humana leva-nos a um caminho de aprofundamento que reside na unificação semântica e operativa das acepções através e para além das disciplinas. Implica não só em informações mas

em um ser humano – “HUMANO” – para permitir a mediação e criação de elos entre todos os fatos da vida.

A vida universitária supõe teoria, sentido das articulações e capacidade seletiva. Para tanto é necessário se ter um trabalho de grupo, com especialistas que saibam o valor da pesquisa em função do todo. Mas, para que este valor tenha profundidade, é preciso ser um homem assumidamente carenciado, que busca a transcendência através do movimento de ser e estar no mundo. Um homem em movimento na expressão plena da Motricidade Humana!

Referências

1. MATURANA H. *De la Biologia a la Psicologia*. Santiago do Chile: Cuatro Vientos, 2004.

2. GROESBECK C. J, 1983. *A imagem arquetípica do Médico Ferido*. Junguiana **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**. 1:72-96

3. LELOUP, J.Y. *Terapeutas do Deserto*. De Filon de Alexandria e Francisco de Assis a Graf Durckhein. Petrópolis: Vozes, 1997.

4. PRISTA, R. M. *Psicomotricidade Sistêmica*. Rio de Janeiro: Anais: Saúde. Mito e Realidade, 1998.

5. _____. & MANOEL, F. *Motricidade Humana e Fisioterapia*. São Paulo: Al Print, 2004.

6. FURTADO, J. *Fisioterapia à luz da Motricidade Humana*. Para uma autonomia disciplinar. *Revista de Fisioterapia em Movimento*. Curitiba. V. VI , p. 12 – 19, 1993.

7. GOMES, C. & VELINE, S. "Uma mudança de paradigma na formação de fisioterapeutas". In: PRISTA, R.& MANOEL, F. *Motricidade Humana e Fisioterapia*. São Paulo: All Print, 2004.

8. GUERRA, C. G. "Transdisciplinaridade. Um caminho possível de transcender antigos entraves". In: PRISTA, R.& Manoel, F. *Motricidade Humana e Fisioterapia*. São Paulo. All Print, 2004.

9. TRIGO, E. e alii. *Creatividad y motricidad.* Barcelona: Inde, 1999.

10. CAPRA, F. *O Tao da física*. São Paulo: Cultrix, 1975.

11. _____. *A teia da vida*. São Paulo: Cultrix, 1996.

12. MORIN, E. *Science avec Conscience*. Paris: Seuil, 1990.

13. _____. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Lisboa: Instituto Piaget,1991.

14. MANUEL SÉRGIO. *Para uma epistemologia da Motricidade Humana*. Almada: Instituto Piaget, 1986.

15. _____. *Motricidade Humana. Um corte epistemológico*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

16. REDE INTERNACIONAL DE PESQUISADORES EM MOTRICIDADE E DESENVOLVIMENTO HUMANO. Construindo um currículo para a formação em motricidade e desenvolvimento humano. Palmela / Portugal. Anais do III Congresso Internacional de Motricidade Humana, 2003.

17. MERLEAU PONTY. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

18. LE BOULCH. *A educação pelo movimento, a psicocinética na idade escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

19. SCHEIN, I. “Lembrança e Impressão”. In: Hermant, G. *O Corpo e sua Memória*. Porto Alegre: Manole, 1988.